

“HISTÓRIA DO BRASIL – EM 10 TOMOS” À LUZ DA ANTROPOFAGIA

Maria Suely da Costa¹ (UEPB)

Resumo:

A proposta deste trabalho tem por foco destacar a colaboração textual do escritor Jayme Adour da Câmara publicada na Revista de Antropofagia (1929) sobre a História do Brasil, através do qual é possível verificar as tensões ocorridas na relação colonizador/colonizado, centro/periferia. Sob a lógica de configurações estéticas articuladas a processos sociais brasileiros situados nas primeiras décadas do século XX, a produção textual desse contexto publicada em periódicos tem muito a revelar a respeito da história do país. Na linha da dialética do geral e do particular, é possível observar que, uma vez comprometido e legitimador da proposta antropofágica recuperada em fragmentos, de modo a reafirmar os interesses do movimento de antropofagia, o texto do escritor potiguar excede, por assim dizer, os limites do manifesto e acaba por pontuar, de forma irônica, uma história do Brasil marcada pelo encontro de culturas heterogêneas. Para tanto, o texto de Jayme Adour remete a certa interiorização do exterior, no sentido antropofágico de atualização pelo contato com realidades desenvolvidas, dando forma a um espírito franco-brasileiro, e, por outro lado, também chama a atenção para o processo inverso, de exteriorização do interior, em que se oferece à Europa a imagem do homem simples, forte e natural, possibilitando-se ao que era “mera sugestão” se positivar “numa campanha reivindicatória” de registros enciclopédicos.

Palavras-chave: Brasil, culturas, antropofagia.

1 Introdução

A America revelou à Europa o homem simples, o homem natural, integrado na sua máxima expressão de liberdade.

(Jayme Adour da Câmara, *Rev. de Antropofagia*)

A História do Brasil tem sido motivo para um grande leque de referências textuais dando forma a interpretações a respeito da memória do país desde seu descobrimento. As primeiras décadas do século XX foram pródigas no surgimento de obras voltadas para a historiografia do Brasil assim como para o elemento humano nacional¹. Nas revistas

¹ Dentre os exemplos clássicos dessa bibliografia, destacam-se obras como *Retrato do Brasil* (Paulo Prado), *Casa Grande e Senzala* (Gilberto Freyre), *Raízes do Brasil* (Sérgio Buarque de Holanda) *Formação do Brasil Contemporâneo* (Caio Prado Junior). Na literatura, mais diretamente, *Pau Brasil* (Oswald de Andrade)

literárias do início desse século também é possível identificar textos dos mais variados gêneros, num esforço para entender o país, descrever seus problemas e propor rumos para a nação. Dentre os periódicos modernistas, a *Revista de Antropofagia* surge revelando um posicionamento ao mesmo tempo satírico e elogioso sobre os fatos de nossa história, com um estilo, muitas das vezes, intencionalmente chocante, ao satirizar figuras e fatos históricos em tom de crítica social, porém sem dispensar uma retórica ufanista. Em estudo sobre a “programática da Antropofagia”, através de textos teóricos dos seus principais líderes publicados na citada revista, Maria Eugênia Boaventura (1985, p. 85) observa que “já se conjeturava na primeira fase [da revista] a revisão da História, ou pelo menos se apontava para a viabilidade de alguma mobilização nesse sentido. [...] Na segunda fase, das conjeturas passa-se à análise das falhas que marcaram a elaboração da história do país”. Boaventura acrescenta ainda que, apesar da proposta intencional de seus organizadores sugerindo novos critérios à historiografia, não era papel da revista fazer “uma análise criteriosa e sistemática das falhas e dos caminhos perseguidos pelos historiadores”. Quando muito, o que se encontra nesses textos marcados de muito humor são “os deslizes dos historiadores tradicionais” (BOAVENTURA, 1985, p. 85).

Diretamente voltada para o tema da História do Brasil, queremos destacar a colaboração do potiguar Jayme Adour da Câmara publicada na *Revista de Antropofagia*². Dentre o grupo de intelectuais norte-rio-grandenses da época, o referido escritor e jornalista se não era o de maior atividade intelectual, era o que mantinha grande proximidade com a realidade cultural do centro-sul do país no período. Com relação a esse jovem escritor potiguar ambientado no sudeste do país, Câmara Cascudo o destaca como um dos intelectuais mais importantes do Rio Grande do Norte. Em seu livro de crítica, *Alma Patrícia* (1921), o descreve como um escritor de “um talento a sério” que “no meio trivialíssimo de Natal” veio portar-se de forma dissonante. Segundo Câmara Cascudo, Jayme Adour “começou por onde os outros acabam – discutindo correntes estéticas. [...] atravessou os períodos ritualmente necessários aos Novos” (CASCUDO, 1991, p.175).

Na fase em que a antropofagia vai adquirir os seus definitivos contornos como movimento, Jayme Adour assume a direção da *Revista de Antropofagia* juntamente com Raul Bopp. Nesse momento, sob forma de narrativa objetiva, tendo a concisão como

e *História do Brasil* (Murilo Mendes).

² O escritor e jornalista Jayme Adour da Câmara (1898) é natural de Ceará-Mirim / RN. No início do século XX, mudou-se para o Rio de Janeiro; depois, fixou-se em São Paulo.

prioridade, publica, na *Revista de Antropofagia* (n. 4, 2ª denteição, *Diário de São Paulo*, domingo, 7 de julho de 1929), o texto “história do Brasil – em 10 tomos”³, dedicado a Rocha Pombo⁴. Nesse texto, conforme afirma Maria Eugenia Boaventura (1985, p.177), o autor “parodia o estilo da história de Rocha Pombo para contar a verdadeira História do Brasil”, numa estrutura textual em que desfilam em ordenação cronológica episódios da história do descobrimento e colonização do país, estrategicamente, situados em dez pontos ou tomos, conforme denominado.

No primeiro tomo, verifica-se uma proximidade com o registro feito por Rocha Pombo no livro *História do Brasil*. Embora não tenha foco a controvérsia que ao longo dos tempos tem sido pontuada a respeito do "acaso" ou da "intencionalidade" do descobrimento do Brasil, assim como aparece registrado no livro do citado historiador⁵, o texto de Jayme Adour da Câmara inicia dando mostra de certo teor crítico. Parte da proposição de que o Brasil fora “descoberto por acaso”, e que seu primeiro colonizador (Portugal), espertamente, logo providenciou em tomar posse da nova terra, embora “a gente lusa desorientada em face daquele imprevisto” não tivesse “o habito da colonização”. Mostra ainda que o registro da “façanha que foi além da imaginação dos discípulos em Sagres” deveu-se a uma escriba da frota cabralina, que “no seu memorial de posse falou da terra com ternuras moliengas – A terra era deslumbrante e fresca.[...] viu logo que ela ‘era boa e formosa’. E deu-se pressa de acrescentar que ‘em se plantando dar-se-á nela tudo’”. O passo seguinte, conforme o texto, foi tentar encher a nova terra de gente, “mas ela era muito grande demais. Portugal era despovoado. Não tinha o hábito da colonização”. Então, “começou a mandar a sobra da sua gente. Como condenada”. Essa visão inicial trazida pelo texto tende a enfatizar um discurso de tom irônico, destituindo o caráter de epicidade do feito português pelo uso das expressões: “viu por acaso” e “se apossou”; “a gente lusa desorientada em face daquele imprevisto”, “relatou o que viu no memorial de posse”...

³ Na *Revista de Antropofagia* (n. 7, 2ª denteição, 1º. de maio de 1929), ele publica ainda uma nota, usando o pseudônimo Felipe Camarão, para comentar sobre o processo que o escritor Yan de Almeida Prado moveu contra o diretor dessa revista. Boaventura (1985, p. 90) credita à Jayme Adour da Câmara a possibilidade de ter escrito o terceiro dos seis textos que aparecem sob o título “De Antropofagia”, tratando das propostas já divulgadas pelos modernistas/antropófagos.

⁴ O paranaense José Francisco da Rocha Pombo escritor de vários livros, dentre eles, *História do Brasil* (em 10 volumes- 1915 a 1917) e a *História do Rio Grande do Norte* (1922), foi eleito, em 1933, membro da Academia Brasileira de Letras.

⁵ No livro *História do Brasil*, Rocha Pombo observa: “Ainda hoje discutem-se muito certas particularidades da obra de Cabral; como por exemplo: se foi ele o primeiro que chegou a esta parte do novo mundo, e se teve o propósito de descobrir terras neste lado do Atlântico (...)” (POMBO, 1952, p. 22-23).

“não tinha o habito da colonização” (CÂMARA, n. 4, 1929)⁶.

No segundo tomo, o foco é sobre a colonização da faixa litorânea com poucas incursões para o centro do país, e a exploração do pau-brasil como “sugestão de futuras grandezas”, dando início a um “novo ciclo” de expressão econômica. Entretanto, afirma Jayme Adour (já no terceiro tomo) que apesar de muito traficarem o pau-brasil “os lusos não souberam tirar os proveitos que poderiam advir desse negócio de tão boas perspectivas”. Ao contrário do que se observa no livro do historiador Rocha Pombo, a compreensão aqui é de uma colonização deficiente feita pelos portugueses no interesse maior de apenas comercializar aquela mercadoria; fator que, conforme assinalado no texto, trouxe ao português a marca de um colonizador “sem metodo” e “sem grande cobiça”.

No quarto tomo, a ênfase é sobre a colonização francesa, fator objetivamente denominado por Jayme Adour como um “segundo descobrimento” do Brasil. A partir desse ponto o interesse do autor está em mostrar o contraste entre a colonização portuguesa e francesa. No quinto tomo, a descrição é de que os franceses não só entenderam que “aquela terra nova e renegada a uma colonização deficiente era um paraíso de promessa” como ainda se “fizeram ao largo para a cobiça das grandes civilizações”. No sexto tomo, defende que a colonização francesa adquire um caráter mais sério devido, principalmente, ao fato de “os primitivos donos sem se aperceberem do valor e grandeza da terra pouca importância deram aos novos domínios conquistados” (CÂMARA, n. 4, 1929). Outro aspecto indicado como fator que muito colaborou com o estilo francês de colonização foi a existência de dificuldades para implantação de um comércio sistemático, de modo que “o domínio lusitano não poderia interessar aos franceses [...] transpor os mares era uma empresa arrojada demais [...]” (CÂMARA, n. 4, 1929).

No sétimo tomo, o foco é dado ao “entrechoque de duas civilizações no desequilíbrio de uma cultura”. Isso porque ao passo que “Portugal nos enviava os seus colonos, da França vinha até nós os seus melhores cavalheiros... E das brumas da nova terra foi surgindo a França Antártica”⁷. No oitavo tomo, tem-se o fato da expulsão dos franceses pelos portugueses que, em função daqueles, vieram despertar para “a significação do novo mundo”. Na visão de Jayme Adour, “Dolorosa foi essa separação.

⁶ Nas citações do referido texto, por não termos a informação do número da página, seguem o nome do autor, número da edição e o ano de publicação.

⁷ A França Antártica foi a colônia tentada pelos franceses no Rio de Janeiro. Existiu de 1555 a 1567, ano em que seus remanescentes foram definitivamente erradicados pelos portugueses.

Separação vital. Tremenda! Mas o espírito galico ficou e se insinuou na alma da nova gente”. No nono tomo, registra-se a comunhão do espírito franco-brasileiro com o fim de um ciclo colonial. A partir de então, o texto segue mostrando que a “nossa história se sucede animada aqui e ali por um vulto de França. De seculo para seculo esse traço se adelgaça. Mas se acentua. Em profundidade”. A esse propósito, no entender de Jayme Adour, “uma explicação antropofágica desvenda um mundo de sugestão”: Oswald de Andrade viu a revolução Caraíba maior que a revolução francesa. E acrescenta no manifesto antropofágico que sem nós a velha Europa não teria sequer a sua declaração dos direitos do homem” (Manifesto). (CÂMARA, n. 4, 1929. Grifo do autor).

Jayme Adour cita o próprio manifesto antropofágico para lembrar que o seu principal representante, Oswald de Andrade, tinha por meta a valorização simbólica do ritual primitivo que tendia a desierarquizar faces da cultura pretensamente civilizada. A linha do debate proposta, então, acabava por dar maior ênfase a descoberta da alteridade reclamada pela revolução caraíba, enquanto reação anticolonialista e deglutidora dos imperialismos, no sentido de que esta revolução nos devolveria, nos termos observados anos depois por Benedito Nunes, no texto “A antropofagia ao alcance de todos” (1995, p.19), “[...] o impulso originário, que unifica ‘todas as revoltas eficazes na direção do homem’ [...] a *revolução caraíba*, protótipo das revoluções, das transformações sociais, superaria as anteriores – a Francesa, a Romântica, a Bolchevista e a Surrealista” (Grifo do autor).

É válido lembrar que além de criticar as tradições européias vigentes no Brasil, o manifesto antropofágico defendia a volta ao primitivismo como maneira de se construir a desejada independência, invertendo, portanto, a relação de subordinação, uma vez que o Brasil passaria a ter uma posição privilegiada em poder absorver e digerir o que lhe era externo, sem perder suas características inerentes. Para tanto, Oswald de Andrade idealizava a união dos indígenas (que viviam ao norte e sul do país) através do vocábulo “caraíba”. Propunha ainda a imagem da inversão do mito do bom selvagem, de Rousseau. O índio que era puro, inocente, passava a figurar um ser mau e esperto, porque canibalizava o estrangeiro, digerindo-o, tornando-o uma parte sua, subvertendo, assim, a relação colonizador-ativo e colonizado-passivo. Segundo o próprio Oswald de Andrade, o ritual antropofágico possibilitava “uma espécie de comunhão do valor que tinha em si a importância de toda uma posição filosófica. A antropofagia fazia lembrar que a vida é

devoração opondo-se a todas as ilusões salvacionistas” (ANDRADE, 1992, p. 231)⁸. Embora a proposta da síntese lembrada fosse clara (“Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”), o espírito de rebeldia tendia a ser uma referência marcante. Através de uma crítica mordaz, o primitivismo oswaldiano questionou toda uma trajetória político, econômica, social e cultural que construiu a realidade histórica do Brasil, com reflexos expressivos na definição dos anos 1920.

No décimo e último tomo, o foco passa a ser a de uma história e uma cultura cujo caráter tupiniquim, primitivista, pôde fornecer à velha Europa um pouco de liberdade, alegria, assim também um pouco de utopia:

A América revelou à Europa o homem simples, o homem natural, integrado na sua máxima expressão de liberdade.

E aqueles homens simples mandados do Brasil à corte de França, na coroação do Rei, estranharam que se dignificasse o homem fraco e mirrado, deixando a seu lado o homem forte que tudo pode. (Historia da França). E esse reflexo do homem forte e simples impressionou o espírito dos filósofos. Montaigne. E o que era uma mera sugestão, mais tarde se positivou numa campanha reivindicadora.

A enciclopedia refletiu esse espírito. Rousseau não poderia conceber o contrato social sem o exemplo dado pela simplicidade lógica dos aborígenes. E assim se explica a ligação filosófica da França eterna ao Brasil novo e misterioso (CÂMARA, n. 4, 1929).

Se num primeiro momento o texto de Jayme Adour remete a certa interiorização do exterior, no sentido antropofágico de atualização pelo contato com realidades desenvolvidas, dando forma a um espírito franco-brasileiro, num segundo, chama a atenção para o processo inverso, de exteriorização do interior, em que se oferece à Europa a imagem do homem simples, forte e natural, possibilitando-se ao que era “mera sugestão” se positivar “numa campanha reivindicatória” em registros enciclopédicos, tal como frisado no texto: “A enciclopedia refletiu esse espírito. Rousseau não poderia conceber o contrato social sem o exemplo dado pela simplicidade lógica dos aborígenes”. (CÂMARA, n. 4, 1929). Conforme se observa, “um saudável anarquismo” parece animar os seguidores da antropofagia, no sentido de “busca de definição de um novo humanismo, revitalizado pela visão do homem natural americano” (CAMPOS, 1975, p. 06).

⁸ Em conferência proferida em 1954, Oswald de Andrade esclarece que foi Montaigne que, num de seus *Essais*, tratando dos canibais lhe chamou a atenção para a “importância autônoma do primitivo”. Nesse texto/conferência clama ainda pela continuidade de sua obra, destacando dela o conceito de antropofagia cunhado em 1928 (ANDRADE, 1992, p. 231-232).

Por fim, o potiguar adepto do movimento antropofágico – reconhecendo que “o ‘surrealisme’, que um momento comunicou ao espírito francez a mais intensa vibração, já existia no Caraíba como num estado latente” (CÂMARA, n. 4, 1929) – chama a atenção para o caráter indígena (primitivo) de nossas raízes, acentuando a ideia, proposta no manifesto, de que “Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade” (ANDRADE, 1995, p. 51), cuja lógica tende a problematizar, conforme observado por Jayme Adour, “a ligação filosofica da França eterna ao Brasil novo e misterioso”.

Discorrendo acerca dos paradoxos nacionalistas, Leyla Perrone-Moisés (2007) aponta para a influência da cultura francesa sobre numerosas nações e, dentre as hipóteses dessa atração do Brasil pela França, destaca o fato de ela não ter sido “nossa colonizadora histórica” e, no século XIX, ter representado “a pátria da Revolução e da Liberdade”. Para Perrone-Moisés, a história das relações culturais entre Brasil e França teria resultado numa “secreta afinidade”, marcada por fortes momentos de influência, tensões e recusa dessa influência⁹. Por sua vez, Antonio Candido destaca que as “afinidades profundas” é que “tornaram possível e frutífera a assimilação de padrões acolhidos por difusão cultural”. A esse propósito, acrescenta o crítico: “Talvez seja possível dizer [...] que muitas das aspirações e princípios dos modernismos europeus, como o primitivismo, a irracionalidade, a ruptura das simetrias, estivessem mais perto da sensibilidade brasileira do que da européia” (CANDIDO, 2002, p. 120)¹⁰. Daí a importância da singularidade da proposta antropofágica divulgada no manifesto de 1928 cujas linhas ideológicas, de alguma forma, aparecem refletidas em colaborações textuais do momento, a exemplo do referido texto de Jayme Adour da Câmara.

Outro ponto que se destaca no texto do escritor potiguar, à luz da antropofagia, é o encontro de culturas heterogêneas com a chegada do europeu à nova terra da América, revelando-se que do convívio dessas culturas derivou-se o processo de mútuas influências.

⁹ Leyla Perrone-Moisés sintetiza a questão da seguinte forma: “As propostas nacionalistas na cultura brasileira foram inspiradas, num primeiro momento (o do romantismo), em idéias francesas. Num segundo momento (o do modernismo), manteve-se a abertura à cultura francesa, mas de modo ‘antropofágico’. Num terceiro momento (o pós-guerras), um nacionalismo continental, [...] apôs-se a tudo o que fosse estrangeiro. Entretanto, as marcas francesas tinham sido impressas e assimiladas em nossa cultura, de modo a não se poder mais distingui-las do que seria ‘autenticamente nacional’. E, num quarto momento (o nosso), a adesão ou o repúdio à França perderam, na prática, sua função” (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 80. Grifo do autor).

¹⁰ Ver também a respeito dessa discussão “Literatura e Cultura de 1900 a 1945” (CANDIDO, 1976).

Ao europeu coube uma imposição maior de seus padrões, mas, por outro lado, este também absorveu muito dos traços culturais dos índios. Podemos dizer que a maneira particular empreendida por Jayme Adour de olhar o passado do país tinha por meta dar ênfase a um “Brasil novo e misterioso”, conforme frisado em seu texto. Um Brasil enquadrado em um contexto mais amplo: da América à Europa. Um olhar, digamos assim, comprometido e legitimador da proposta antropofágica, recuperada em fragmentos, de modo a reafirmar os interesses do movimento de antropofagia em sua máxima expressão, sob as idéias revolucionárias do manifesto:

A revolução Caraíba maior que a revolução francesa.
Sem nós a velha Europa não teria sequer a sua declaração dos direitos do homem.
O reflexo do homem forte e simples impressionou o espírito dos filósofos. E o que era mera sugestão se positivou em campanha reivindicatória.
O ‘surrealisme’[...] já existia no Caraíba como num estado latente.

(CÂMARA, n. 4, 1929).

Quanto à proposição de revisar a História, apontando falhas ou deslizes de historiadores tradicionais, Maria Eugenia Boaventura, em referência ao texto do escritor potiguar, afirma:

Jaime Adour da Câmara encarrega-se de contar a *História do Brasil* sob o ângulo da antropofagia, com a paródia da história oficial, em dez tomos, e propositadamente dedicada a um dos seus representantes máximos: Rocha Pombo. O acaso que levou Portugal a descobrir esta terra imensa (aliás, marca de todas as suas conquistas) e o despreparo dos colonos para aqui enviados – ‘fugitivos de uma civilização’ – são os grandes fatores do insucesso da civilização portuguesa, ignorados pela história oficial de Rocha Pombo e outros (BOAVENTURA, 1985, p.86).

Dentre os apontamentos feitos por Jayme Adour da Câmara nesse texto, publicado no final da década de 1920, é possível identificar alguns pontos mais tarde assinalados em um dos livros-chave para a compreensão moderna do processo de colonização e formação da nação e da sociedade brasileira, o livro *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 1936. Revelando um olhar atento e uma abordagem segura, a obra de Sérgio Buarque percorre a história do Brasil desde o descobrimento até os primeiros decênios do século XX, em busca da nossa identidade, de nossas raízes. Já nas primeiras páginas do capítulo inicial de *Raízes do Brasil*, intitulado “Fronteiras da Europa”, Sérgio Buarque

aponta, de forma mais precisa, para as contradições entre o "mundo novo" e a "velha civilização". No capítulo "Trabalho & Aventura", o historiador também qualifica os portugueses no processo de colonização do "Novo Mundo".

Quanto ao texto de Jayme Adour da Câmara, vale salientar o diálogo que estabelece com o discurso historiográfico na tentativa de sintetizar elementos presentes na gênese da formação sociocultural brasileira. A propósito, dois "descobrimientos" são apontados nesse texto: a nova terra, "um paraíso de promessa", e o homem simples, "o homem natural, integrado na sua máxima expressão de liberdade". Dois aspectos de alguma forma presentes na proposta ideológica modernista propagada nos manifestos – a exemplo do Manifesto da Poesia Pau-Brasil e do Manifesto Antropófago, ambos nacionalistas na linha comandada por Oswald de Andrade – que buscavam definir e demarcar posições em defesa do elemento nacional, numa tentativa de repensar tanto a história quanto a literatura brasileira, sem o peso da compreensão pura e simples do ato fundacional como negação do outro.

A tensão entre o nacional, o local e o europeu, o estrangeiro – que atravessou a formação e, depois, sob várias nuances o desenvolvimento e a maturação das diversas formas, literária, social, política, econômica do pensamento brasileiro – vai se prolongar século XX adentro. Ao movimento modernista brasileiro coube o papel de questionar a suposta inferioridade do povo brasileiro assentada no seu caráter mestiço, como também a suposta superioridade do europeu assentada numa civilidade que se opunha ao primitivismo. Estudos críticos têm mostrado de que o surgimento de novos modos de interpretar o país, nos quais se levavam em conta os índios, os negros e os demais segmentos mais recalcados da cultura nacional, trouxeram à tona uma expectativa de mudança que guardava tanto semelhança com o que se realizava na Europa quanto dessemelhança, em razão de um caráter singular da vida nacional. De uma forma ou de outra, a produção escrita veiculada nos diversos periódicos por intelectuais contemporâneos dessa discussão, a exemplo do escritor citado neste estudo, também se revela partícipe desse processo.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. Introdução, notas e estabelecimento do texto de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo, 1992. (Obras completas de Oswald de

Andrade).

_____. “Manifesto Antropofágico”. In: *A utopia antropofágica*. 2ª ed. São Paulo: Globo, 1995. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *A Vanguarda Antropofágica*. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Ensaio, n° 89).

CASCUDO, Câmara. *Alma Patrícia: crítica literária (1921)*. Edição fac-similar de 1921. Mossoró: ESAM; Fundação Guimarães Duque, 1991. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 743).

CAMPOS, Augusto de. “Revistas re-vistas: os antropófagos”. *Revista de Antropofagia*. Edição fac-similar. São Paulo: Abril/Metal S.A., 1975.

CANDIDO. Antonio. *Literatura e sociedade*. 5ª. ed. revista. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

_____. *Textos de Intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico)

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49ª Ed. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

MENDES, Murilo. *História do Brasil*. Organização, introdução e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

PERRONE-MOISÉS, Leyla, *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: companhia das Letras, 2007.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

PRADO, Paulo, 1869-1943. *Retrato do Brasil : ensaio sobre a tristeza brasileira- 2.ed.* — São Paulo: IBRASA ; [Brasília] : INL, 1981.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. Ed. fac-similada da revista literária publicada em São Paulo, 1ª e 2ª “dentições”, 1928-1929. Introdução de Augusto de Campos. São Paulo: Ed. Abril/Metal leve S.A., 1975.

ROLNIK, Suely. "Guerra dos gêneros. Guerra aos gêneros", ITEM-4 - *Revista de Arte*. Rio de Janeiro, 1996.